

A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DO CORPO E DA GESTUALIDADE NA INTERAÇÃO VERBAL

Lunara Amaral do Vale (FAFIA)

lunara.es@hotmail.com

Luciene Pinheiro de Souza (FAFIA)

lpsouza@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a linguagem da protagonista do filme *Nell* (1994), a partir da teoria semiótica francesa greimasiana. O filme aborda um drama vivido por Nell, que tinha 30 anos, passando sua vida em uma floresta longe da sociedade e com um dialeto próprio que foi adquirido pelas falas de sua mãe que sofreu um derrame. O quadrado semiótico será utilizado para obtenção de análises feitas do cotidiano de Nell, e entendimento de sua linguagem. O filme transmite uma reflexão sobre o ser humano como um ser social, um produto do meio. Para ser incluído na sociedade, é preciso estar nela e falar do jeito que ela quer. A abordagem principal do filme é sobre a linguagem de Nell, a expressão de seus pensamentos, interpretadas pela sua linguagem própria e suas gesticulações. A análise que é feita durante o filme, representada pelo Doutor Lovell e pela Doutora Paula, sendo médicos de áreas distintas, mas com o mesmo objetivo de ajudar a protagonista. A aproximação dos médicos na vida de Nell fez todo sentido para que, ao final, a maturidade e a desenvoltura dela pudessem expressar em seu falar e que ela pudesse viver sozinha.

Palavras-chave: Semiótica. Corpo. Gestualidade. Interação verbal.

1. Introdução

A língua pode se manifestar de várias formas, de acordo com as diversas situações comunicativas. Devido a essa dinamicidade e heterogeneidade, há muitas pesquisas no meio acadêmico, a fim de compreender melhor seu comportamento e os sentidos produzidos nas relações interacionais. Utiliza-se como fundamentação teórica a teoria semiótica francesa de Greimas que trouxe contribuições cruciais para os estudos da linguagem através de seu quadro semiótico.

É necessário que os estudos da linguagem prossigam, daí a presente pesquisa contribuir para que novas reflexões surjam utilizando como análise a linguagem da protagonista da obra *Nell* (1994) cuja proposta está vinculada aos estudos da participação do corpo e da gestualidade no processo interacional da linguagem. Devido a fatores circunstanciais, a trajetória de vida da personagem foi difícil a sua interação verbal com as pessoas que não a conheciam. Isso se deveu ao fato de viver distante

da sociedade e, por conseguinte, apresentar uma nova linguagem.

Em se considerando isso, levantou-se a questão: Na língua, realmente, há necessidade de haver corpo e gestualidade que comunique e signifique?

Bakhtin (1992) afirma que a língua é uma atividade social de interação verbal entre interlocutores. Para que esse processo interacional seja eficaz, faz-se necessário entendimento entre ambas as partes. O estudo da interação verbal foca a participação física do falante, daí a presente pesquisa ter como objetivo analisar o uso do corpo e da gestualidade na interação verbal utilizando como sujeito a personagem Nell.

A pesquisa é de natureza qualitativa com abordagem descritiva cujo referencial teórico se baseará em literatura especializada com foco nos estudos da linguagem, principalmente, da semiótica francesa. Dessa forma, houve subsídios suficientes para uma compreensão eficaz do problema investigado, evidenciando assim a importância do mesmo para o meio acadêmico.

2. *Linguagem verbal e não verbal*

Em se considerando Vanoye (1998), a comunicação e linguagem necessitam uma da outra. Para que ocorra essa interação, a linguagem tanto para o emissor quanto para o receptor precisa estar clara.

Vanoye (1998) explica que os atos de comunicação oral variam essencialmente de acordo com a situação respectiva do emissor e do receptor e que deve ser considerado o seguinte:

- a. Receptor presente e próximo: nesse caso (concretizado na conversação), o contato deve ser imediato e preciso:
 - A situação de intercâmbio: os interlocutores conversam efetivamente, os papéis do emissor e do receptor se invertem, o feedback é possível (conversa, curso ou aula com diálogo, perguntas e respostas etc.).
 - A situação de não intercâmbio: o receptor, ainda que presente e próximo, não tem a possibilidade imediata de responder e de assumir o papel de emissor (aula expositiva, discurso, sermão, comunicação teatral). Nestes exemplos, nota-se que a próxi-

midade dos receptores é menor e que a situação exige quase sempre a utilização de alto-falantes, microfones etc.

b. Receptor ausente e distante:

Ao utilizar a linguagem verbal, ou seja, aquela que é falada ou escrita, usam-se palavras como códigos.

Luria (1987, p. 168) diz que “a estrutura da linguagem escrita diferencia-se da estrutura do diálogo”.

Língua e escrita são dois sistemas distintos de signos; a única razão de ser do segundo é representar o primeiro; o objeto linguístico não se define pela combinação da palavra escrita e da palavra falada; esta última, por si só, constitui tal objeto. (SAUSSURE, 1971)

A linguagem escrita, portanto, é aquela em que o interlocutor está ausente. Na escrita, tudo deve estar bem explícito para que o outro entenda. Essa linguagem está presente no cotidiano, sejam com livros didáticos, cartas, panfletos, revistas, redações e tantos outros exemplos em que essa modalidade é usada. Para muitos, esse tipo de linguagem se torna mais complexo, pois é necessário articular as palavras e escrever com certos critérios.

De acordo com Vanoye (1998, p. 35), “a escrita é, pois, um sistema simbólico de representação da fala. [...] a escrita é muito menos móvel do que a linguagem falada, suas transformações são muito lentas e muito pouco numerosas”.

Se por algum motivo o indivíduo não usa a linguagem verbal, ele utiliza outra forma de se comunicar. Usa, então, a linguagem não verbal, a qual se caracteriza por ser utilizada em imagens, desenhos, símbolos, dança, mímica, pintura. Dentro desse contexto, temos a simbologia que é uma forma de comunicação não verbal e que se tem como exemplo o semáforo, sinalização de trânsito, bandeiras e logotipos. Nesse processo de comunicação, várias coisas podem ser signos, os quais podem ser entendidos como a unidade formada por sons, imagens, gestos. Assim, o estímulo físico se torna o significante e a ideia é o significador.

O ato de comunicação implica não apenas na fala, mas na utilização da linguagem quer seja ela verbal ou não verbal. Podemos observar, na figura 1 abaixo, que a pintura de Tarsila de Amaral é um exemplo de linguagem não verbal dentro da pintura. Para cada pessoa a pintura Abaporu, de Tarsila do Amaral representará uma mensagem.



Fig. 1: Pintura de Tarsila de Amaral



Fig. 2: semáforo

O semáforo é um exemplo de linguagem não verbal, pois, é um instrumento capaz de controlar o trânsito, fazendo com que seja uma linguagem de fácil compreensão, tendo em vista que é composto por três cores e estas são responsáveis por representar um significado capaz de interferir na vida das pessoas.



Fig. 3: Mímica

A figura 3 mostra uma mímica, esta por sua vez é uma forma de comunicação e através da feição da personagem temos um significado, uma mensagem a ser passada para o público. Aqui ocorre linguagem não verbal.

Para se compreender toda a dinâmica, faz-se necessária uma abordagem sobre linguagem e mente.

3. A linguagem e a mente

De acordo com Silva (2006), desde muito cedo, aprendemos a locar o instinto e a aprendizagem em locais opostos e em permanente conflito.

O campo da linguagem aí está para confirmar a íntima relação entre instintos e aprendizagens. À medida que se avança nas investigações, mais firme se torna a convicção dos cientistas no reconhecimento de que os aspectos mais importantes que giram à volta do fenômeno, tais como as estruturas gramaticais e o desejo de falar, não são aprendidos por simples imitação. (SILVA, 2006, p. 7)

Ridley (2005, *apud* SILVA, 2006, p. 8) aponta que “a linguagem é, assim, algo que não se ensina. A plasticidade que permite ao cérebro aprender um certo vocabulário e uma certa sintaxe está intimamente ligada ao instinto, “a um instinto para aprendizagem”.

De acordo com Vigotski (2001, p. 412), a linguagem não é um simples reflexo especular da estrutura do pensamento, razão por que não pode esperar que o pensamento fosse uma veste pronta. A linguagem não serve como expressão de um pensamento pronto. Ao transformar-se em linguagem, o pensamento se reestrutura e se modifica. O pensamento não se expressa, mas se realiza na palavra. Por isso, os processos de desenvolvimento dos aspectos semântico e sonoro da linguagem, de sentidos opostos, constituem a autêntica unidade justamente por força do seu sentido oposto.

Sabe-se que o homem pode realizar não somente atos reflexos involuntários, mas também atos conscientes, voluntários. Alguns psicólogos reconheciam a existência de atos voluntários existentes em todas as formas de comportamento: nos movimentos, nas ações, na recordação, no pensamento etc. (LURIA, 1987, p. 202).

Luria (1987) ainda aborda que o pensamento produtivo do homem, acumulado ao longo das gerações à linguagem, caracteriza-se precisamente pela possibilidade de tirar conclusões lógicas sem se dirigir cada vez aos dados da experiência sensível imediata.

Vigotski, (2001, p. 485) orienta que:

Se a consciência, que sente e pensa, dispõe de diferentes modos de representação da realidade, estes representam igualmente diferentes tipos de consciência. Por isso o pensamento e a linguagem são a chave para a compreensão da natureza da consciência humana.

De acordo com Montoya (2006), a aquisição da linguagem e a interação social (troca e cooperação entre indivíduos) estariam explicando,

nesse contexto, a evolução do pensamento e da linguagem.

Silva (2006) assegura que o mundo ao nosso redor só ganha sentido por meio da linguagem. É ela que contribui para que o homem possua uma cultura, uma técnica, uma educação, dotando-o, no que diz respeito à identidade, de uma coerência interna, e de uma coerência lógica. O autor ressalta que essas dimensões concretizam-se no que chamamos de civilização, e a linguagem é a responsável por agregar tudo isso numa única realidade.

O pensamento linguístico possui assim leis e propriedades específicas que já não podem ser encontradas nas formas naturais do pensamento e da linguagem. O autor, seguindo o pensamento de Vygotski, acredita que passa assim por uma mutação, uma transformação que ocorre num momento preciso, do biológico para o social, de uma modalidade natural para uma outra de índole histórica e social.

4. Aquisição de linguagem

A aquisição da linguagem encontra-se atrelada à constituição da capacidade humana de representar, isto é, de diferenciar significantes e significados, e, por isso, ao exercício da função simbólica (MONTROYA, 2006).

Scarpa (2001) afirmam que a aquisição da linguagem é uma área híbrida, heterogênea ou multidisciplinar. No meio do caminho, entre teorias linguísticas e psicológicas, tem sido tributária das indagações advindas da Psicologia (do Comportamento, do Desenvolvimento, Cognitiva, entre outras tendências) e da Linguística.

Ela afirmam que a área recobre muitas subáreas, cada uma formando um campo próprio de estudos, dentre elas podemos citar:

- a) aquisição da língua materna, tanto normal quanto "com desvios", recobrando os componentes "tradicionais" dos estudos da linguagem, como fonologia, semântica e pragmática, sintaxe e morfologia, aspectos comunicativos, interativos e discursivos da aquisição da língua materna. Sob a égide de "desvios", contam-se: aquisição da linguagem em surdos, desvios articulatórios, retardos mentais e específicos da linguagem etc.;
- b) aquisição de segunda língua quer como bilinguismo infantil ou cultural, quer na verificação dos processos pelos quais se dá a

aquisição de segunda língua entre adultos e crianças, seja em situação formal escolar, seja informal de imersão linguística;

- c) aquisição da escrita, letramento, processos de alfabetização, relação entre a fala e a escrita, entre o sujeito e a escrita nesse processo etc.

Castaño (2003, *apud.* SCHIRMER, FONTOURA & NUNES, 2004) assevera que:

O processo da linguagem é bastante complexo e envolve uma rede de neurônios distribuída entre diferentes regiões cerebrais. Em contato com os sons do ambiente, a fala engloba múltiplos sons que ocorrem simultaneamente, em várias frequências e com rápidas transições entre estas. O ouvido tem de sintonizar este sinal auditivo complexo, decodificá-lo e transformá-lo em impulsos elétricos, os quais são conduzidos por células nervosas à área auditiva do córtex cerebral, no lobo temporal. O logo, então, reprocessa os impulsos, transmite-os às áreas da linguagem e provavelmente armazena a versão do sinal acústico por um certo período de tempo.

Schirmer, Fontoura e Nunes (2004) esclarecem que a aquisição da linguagem pode variar com o tempo, percebendo as alterações e os distúrbios presentes no indivíduo, sendo assim é diversa a etiologia das dificuldades de linguagem e aprendizagem e pode envolver vários fatores tais como orgânicos, intelectuais/cognitivos e emocionais (estrutura familiar relacional). Muitas vezes, há uma inter-relação entre todos esses fatores.

Becker F.(1995) acredita que o que determina se a produção da fala e linguagem é adequada ou não, é a idade cronológica. São os fatores cognitivos e emocionais que determinam se a situação é grave ou não, assim como se há necessidade de atendimento específico à família e/ou terapia fonoaudiológica.

5. *Semiótica*

A teoria semiótica estuda o texto como um todo, procura descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz.

Segundo Barros (2005, p. 7), “a semiótica insere-se, portanto, no quadro das teorias que se (pre)ocupam com o texto.” É necessário determinar primeiramente o que é o texto e o seu objeto de estudo, só assim poderá caracterizar uma teoria semiótica.

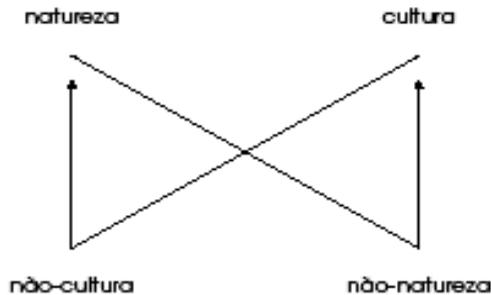
A autora (2005, p. 8) ainda afirma que “para construir o sentido

do texto, a semiótica concebe o seu plano do conteúdo sob a forma de um percurso gerativo.”.

O percurso gerativo de sentido é descrito através de etapas graduais e é bastante produtivo em análise dos textos. Esse percurso é construído num processo de geração e se comporta em três níveis – o fundamental, o narrativo e o discursivo.

O nível fundamental é o ponto de partida para uma análise do texto. Segundo Gregolin (1995), “trata-se da relação de oposição ou de diferença entre dois termos, dentro de um universo semântico”.

A partir deste primeiro estágio de geração, um dado eixo semântico se articula no que se convencionou chamar de quadrado semiótico, elaborado por Greimas¹⁵.



Com base no quadrado semiótico, percebemos que a categoria semântica fundamenta-se em uma oposição, não necessariamente sendo /natureza/versus/cultura/. No entanto, para se estabelecer essa oposição é preciso que tenham algo em comum.

5.1. Nível narrativo

“No segundo nível do percurso gerativo de sentido, os valores fundamentais são narrativizados a partir de um sujeito” (GREGOLIN, 1995, p. 16).

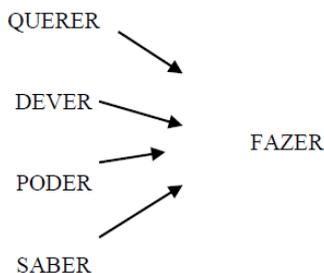
¹⁵Algirdas Julius Greimas foi um linguista lituano de origem russa que contribuiu para a teoria da Semiótica e da narratologia, além de ter prosseguido diversas pesquisas sobre mitologia lituana.

Quando analisamos a partir do nível narrativo, não estamos dizendo que todos os textos são narrativos, mas sim, que todos os textos possuem um componente fundamental que é a narratividade. Essa é uma transformação situada entre dois estados sucessivos e diferentes.

Dessa forma, o nível narrativo se divide em quatro partes:

MANIPULAÇÃO → COMPETÊNCIA → PERFORMANCE → SANÇÃO

- a) **MANIPULAÇÃO**: Manipulação do sujeito;
- b) **COMPETÊNCIA**: Manipulado, o sujeito precisa adquirir competência para realizar a ação, baseado em quatro pilares:



- c) **PERFORMANCE**: O sujeito realiza a ação;
- d) **SANÇÃO**: Depois de realizada a ação é recompensada ou punida.

A narratividade constitui uma classe de discurso em que estados e transformações estão ligados a personagens. Há dois tipos de enunciados:

- a. Enunciados de estado: Estabelecem uma relação de junção (disjunção ou conjunção) entre um sujeito e um objeto.
- b. Enunciados de fazer: mostram as transformações, correspondem à passagem de um enunciado a outro.

É nas formas abstratas do nível narrativo são revestidas de termos que lhes dão concretude”.

O nível discursivo tem como objetivo estabelecer uma relação entre enunciatador do texto e o enunciatário.

Portanto, o nível discursivo do percurso gerativo de sentido, nos faz entender que o sujeito de enunciação mantém sua relação entre o texto e o contexto sócio-histórico.

6. Análise do corpus

6.1. Sinopse do filme

O filme *Nell* (1994) conta a história de uma mulher que é criada pela mãe em uma floresta, isolada da sociedade. A mãe é uma eremita que sofreu uma série de ataques cardíacos, distorcendo assim sua fala. Após sua morte foi descoberta a existência de sua filha: Nell. Esta, por sua vez, também tinha uma fala peculiar, já que foi a única linguagem que pode aprender.

Com a sua descoberta, Nell passou a ser o foco de dois médicos, Jeremy e Paula. As opiniões de ambos eram contrárias. Jeremy acreditava que Nell sobreviveria sozinha e que isso seria o melhor para ela, enquanto Paula defendia a ideia de que Nell deveria ficar em uma clínica.

O assunto foi parar nos tribunais e o juiz decidiu então que os médicos deveriam acompanhá-la durante três meses e só depois de uma longa observação é que ele decidiria o futuro de Nell em um novo julgamento.

Jeremy e Paula começaram a observá-la. Em um período, as opiniões dos dois médicos eram divergentes. Jeremy continuava acreditando que Nell permaneceria melhor na floresta, onde nasceu e cresceu e que apenas a convivência com outras pessoas faria com que ela tivesse um comportamento “normal”. Paula, por sua vez acreditava que Nell deveria ser levada a uma clínica para ser estudada por profissionais, já que Nell provavelmente teria problemas mentais.

Durante toda a vida, Nell só teve contato com a mãe e a irmã, esta faleceu ainda criança. Nell aprendeu a conviver, a criar sua personalidade, sua linguagem e sua visão de mundo apenas com as duas.

Após algum tempo de observação e de muitos conflitos, os dois profissionais começaram a entrar em um consenso sobre a moça. Neste mesmo período, a notícia sobre a descoberta de uma mulher “selvagem” já era assunto da pequena cidade, atraindo curiosos e até mesmo jornalistas. Os médicos decidem então levá-la à cidade, para que ela pudesse ter contato com a civilização. Somente depois desta experiência é que eles

poderiam decidir o futuro da protagonista.

A primeira visita de Nell à cidade, apesar de alguns problemas, pôde demonstrar sua reação com a sociedade, uma reação aparentemente normal e com fácil adaptação.

Ao voltar para a floresta, aparecem jornalistas e, conseqüentemente, Nell fica assustada. Jeremy Lovell e Paula Olsen levam-na para uma clínica na cidade, a mesma que Paula trabalha. Nell, no entanto, tem um comportamento diferente do habitual, uma série de problemas acontece na clínica e isso faz com que ela entre em estado de choque, ficando até mesmo sem falar.

Em uma reunião com o superior da Dr. Olsen, fica clara a oposição dos outros médicos em relação a Jeremy e Paula, os outros médicos, então, diagnosticaram-na com autismo de baixo nível. Jeremy em um ato impensado a leva para fora do hospital, escondendo-se em uma pousada até o dia do julgamento.

Durante o julgamento, especialistas da clínica tomam uma posição contrária da opinião de Jeremy e Paula, querendo levá-la para residir em uma clínica, onde pudessem ser feitos tratamentos adequados aos que eles julgam ser o problema de Nell, além de autismo de baixo nível, a Síndrome de Asberger.

Em vários momentos do julgamento, Dr. Jeremy Lovell teve atitudes severas, interrompendo o julgamento em defesa de Nell. Quando em um determinado momento, Nell os interrompe e começa a falar, tendo como tradutor Dr. Lovell.

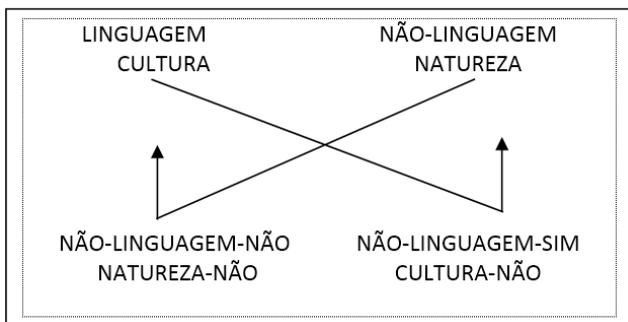
Desde que minha mãe morreu estou sozinha, tenho medo. Todos vivem assustados, em todos os lugares. O querido Senhor alivia as nossas lágrimas, as nossas muitas lágrimas. [...] Vocês têm grandes coisas, vocês sabem grandes coisas, mas, não olham nos olhos uns dos outros e estão famintos de tranquilidade. Tenho vivido uma vida simples, sei pouca coisa, conheço pessoas de quem eu gosto. Sei que todos se vão, todos vão embora. Não temam pela Nell, não chorem por ela, não tenho tristezas maiores que as vossas.

Com esse depoimento, o julgamento teve fim, determinando que Nell sabia sobreviver sozinha na floresta, no local onde sempre viveu e que somente ali ficaria bem. A aquele era o lugar em que ela nasceu, cresceu e escolheu para viver.

6.2. Um olhar semiótico sobre a linguagem de Nell

Dr. Lovell e Dra. Olsen, ao observarem Nell na floresta, percebem que a sua linguagem era de difícil entendimento na comunicação.

Segundo o primeiro nível fundamental do percurso gerativo, o quadrado semiótico visa analisar a linguagem de Nell.



Ao observar o quadrado, é possível perceber o quanto a personagem Nell é reconhecida por /NÃO LINGUAGEM/ e /NATUREZA/. Nell viveu em um ambiente distante da sociedade, daí ela ter problemas em sua fala, uma sua linguagem restrita em comparação com a utilizada pela sociedade. De acordo com a pesquisa dos doutores, e analisando o quadrado, a /NÃO LINGUAGEM/ de Nell é analisada e a princípio consta que Nell se enquadra como /NÃO LINGUAGEM SIM/ por ela viver em uma floresta e ficar restrita à linguagem.

Os doutores por terem conhecimento de que a linguagem é adquirida a partir do convívio entre as pessoas, acreditavam que a /LINGUAGEM/ e /CULTURA/ deveriam andar juntas. Como Nell estava fora da sociedade, ela não teria /NÃO LINGUAGEM NÃO/.

A passagem da cultura para a natureza não se dá senão por um processo de semiotização em que no caso do filme Nell, os doutores ressignificam, segundo seus princípios pertencentes à sociedade, os valores característicos da natureza.

A primeira ocorrência desse processo de semiotização a que estamos nos referindo se manifesta no diálogo entre o Dr. Lovell e o xerife Peterson, quando ambos se encontram pela primeira vez na casa de Nell:

[Dr. Lovell, referindo-se à mãe de Nell]: – Ela vivia assim? Sem eletricidade, telefone, água corrente?

[Dr. Lovell]: – Ela vivia sozinha?

[Xerife]: – Assim vivem os eremitas. Eles vivem sós, e morrem sós.
(NELL, 1994)

As pessoas que vivem na sociedade nem imaginam uma vida longe de tudo e de todos. Assim, no diálogo que foi citado, Dr. Lovell fica sensibilizado e perplexo em relação às condições em que vive a mãe de Nell.

Por isso, a falta desses objetos, considerados eufóricos para os sujeitos que vivem na civilização, é perturbadora. Segundo Greimas (*apud* Barros, 2006), euforia é um conceito que se opõe ao de disforia, ambos elaborados pela semiótica francesa para designar o tipo de valor que determinado objeto tem para o sujeito. São considerados *eufóricos* os objetos cujo valor para o sujeito é *positivo*, e *disfóricos*, aqueles cujo valor é *negativo*. Conclui-se que os objetos eufóricos são objetos desejáveis, agradáveis, já os objetos disfóricos são indesejáveis, que não agrada.

A partir disso, é possível, segundo o ponto de vista da civilização, organizar a relação entre os dois primeiros patamares do percurso gerativo de sentido, da seguinte maneira: o termo /cultura/ (da oposição fundamental “*natureza vs. cultura*”) é convertido, no nível narrativo, na relação de *conjunção* do sujeito com os objetos-valor “eletricidade”, “telefone”, “água corrente”, “companhia”; enquanto o termo /natureza/ corresponde à *disjunção* do sujeito com esses mesmos objetos (e, conseqüentemente, a *conjunção* com outros objetos).

Contudo, o sistema de valorização que é feita na civilização, faz com que seja difícil a aproximação do homem civilizado com a natureza, visa então como uma situação disfórica a relação de Nell com a natureza, já que ela se encontra em *disjunção* dos valores exaltados pela civilização.

Dr. Lovell certifica que lhe falta algo mais para compreender a vida de Nell. Embora ainda esteja vinculado às regras discursivas da civilização, tudo se passa como se ele próprio começasse a perceber que as regras de seu mundo civilizado não lhe são suficientes para compreender a realidade de Nell e, por isso, necessita encontrar outras mais apropriadas. Ele começa, a partir de então, a fazer uma avaliação dos valores provenientes da civilização.

Esse fato fica mais evidente quando ele procura pela psicóloga Dra. Olsen e se posiciona duramente contra a sugestão de que Nell deve-

ria ser internada. Aos argumentos do Dr. Paley, por sua vez de igual tom aos da Dra. Olsen, Jerry Lovell afirma contrariamente que Nell não é uma “criança selvagem”, nem mesmo é uma criança, e, por isso, não há razão alguma para interná-la.

Nesse momento, Dr. Lovell ainda não sabe, não conhece a pessoa Nell. Ele sabe que ela é um ser humano e, que através de sua cultura, da sua vivência tão longe do meio social, ela demonstra o que passa em sua vida é um saber interpretativo e movido de convicção.

Há uma certa confusão voltada para a ciência dos valores morais e para haver uma quebra nessa confusão dos valores, é necessário que os valores contraditórios se exponham no modelo de discurso. Porém, tanto os doutores quanto Nell falam línguas diferentes, havendo um empecilho que os dividem em natureza e cultura.

A linguagem verbal é bem extensa no campo social, havendo diversas línguas e culturas. A linguagem de Nell, sendo pouco desenvolvida, apresenta dificuldade na comunicação. Ao menos é o que pensam, de início, Dra. Olsen e Dr. Paley. Para ambos, Nell é um importante caso a ser estudado pela ciência. Mas, em termos científicos, as causas da singularidade da linguagem da Nell são mal abordadas pelo filme. Não fica muito claro, por exemplo, se a sua origem se deve ao fato de o convívio social de Nell, durante o período de aquisição da linguagem, ter se restringido às experiências com a mãe (a qual, por sua vez, segundo a explicação do xerife no início do filme, tinha problemas na fala por causa de um AVC que afetara o seu desempenho linguístico) e com a irmã gêmea com quem convivera até os seus 15 anos, desenvolvendo com ela uma língua particular, possivelmente algo próximo à idioglossia¹⁶.

Além do mais, parece estar descartado um problema de ordem cognitiva. Em todo o caso, o fato é que a comunicação verbal entre Nell e os outros é bastante restrita. Por outro lado, a linguagem corporal, que várias passagens do filme nos fazem pensar ser mais desenvolvida em Nell, é pouco compreendida de início, já que, aos olhos de todos, carece de conteúdo inteligível. Em termos semióticos, diríamos que o contrato fiduciário entre Nell e seus interlocutores é mínimo.

¹⁶ Idioglossia é a condição na qual as palavras são mal articuladas de modo a serem quase ininteligíveis ou parecerem uma espécie de linguagem inventada.

7. Considerações finais

Constatamos que a participação do corpo e da gestualidade na interação verbal é de grande importância, pois eles ajudam na compreensão de uma língua diferente da que está habituado. No filme *Nell* (1994), ficou explícito que para se resolver um problema com a língua, primeiramente, foi necessário entender os gestos, a desenvoltura, a tonalidade da voz, a feição para assim ter entendimento da personagem principal com os demais.

Nem sempre os problemas da fala implicam em problemas cognitivos. Para se existir uma língua, é necessário levar em consideração o ser que está falando, já que este é o personagem principal, sem falantes não há uma linguagem. A única linguagem que *Nell* pôde aprender foi aquela apresentada pela mãe, no entanto, suas faculdades mentais correspondiam ao que era novo em sua vida. Os problemas apresentados pela personagem durante o filme foi de extrema importância para sua adaptação na sociedade e ficou comprovado na última cena do filme que *Nell* era perfeitamente capaz de interagir com outras pessoas e ter uma vida social mesmo optando por morar na floresta.

Durante a pesquisa, foi necessário entendermos os pontos de vista de alguns estudiosos sobre o assunto, as divergências foram muitas, mas, levando em consideração a análise do corpus, percebemos que *Nell* era capaz de responder por sua vida, sem interferência de ninguém, pois, a partir do momento em que passam a entendê-la, há a presença de um destinador e um destinatário.

Assim, percebemos que para existir uma língua é necessário existir um entendimento, seja pela linguagem verbal ou não. A análise semiótica foi de grande ajuda para chegarmos a esta conclusão, estudamos o objeto do texto e como ele se preocupa para dizer o que diz.

Nosso objeto de estudo foi a personagem *Nell*, a partir da observação desse objeto, ficou claro como é a interação dessa personagem que antes era uma eremita e depois passa a ter um “convívio” com a sociedade, as suas dificuldades e seus possíveis problemas foram levados em conta. Enfim, percebemos que não há problemas com a personagem e mesmo mantendo contato com as pessoas, esse “convívio” com a sociedade não foi uma opção para ela e sim mostrar para as pessoas que estavam ao seu redor como era sua vida na floresta e o seu contato com a natureza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad.: Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Parma, 2005.

BECKER, F. Modelos pedagógicos e modelos epistemológicos. In: SILVA, L. H.; AZEVEDO, C. J. *Paixão de aprender II*. Petrópolis: Vozes, 1995.

CASTAÑO, J. Bases neurobiológicas dellenguaje y susalteraciones. *Rev. Neurol*, Barcelona, 2003, vol. 36, n. 8, p. 781-785.

GREGOLIN, Maria do Rosario Valencise. A análise do discurso: conceitos e aplicações. *Alfa*, São Paulo, n. 39, p. 13-21, 1995.

FOSTER, Jodie; HANDLEY, Mark; NICHOLSON, Willian; APTED, Michael. *Nell*. [Filme-vídeo]. Produção de Jodie Foster, Mark Hardley, Willian Nicholson, direção de Mark Apted. EUA, 1994.

LURIA, Alexandr Romanovich. *Pensamento e linguagem: às últimas conferências de Luria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987, p. 168-203.

MONTOYA, Adrián Oscar Dongo. Pensamento e linguagem: percurso Piagetiano de investigação. *Psicologia em Estudo*, Maringá, vol. 11, n. 1, p. 119-127, jan./abr. 2006.

RIDLEY, Matt. *A rainha de copas: o sexo e a evolução da natureza humana*. Lisboa: Gradiva, 2005.

SCHIRMER, Carolina R.; FONTOURA, Denise R; NUNES, Magda L. Distúrbios da aquisição da linguagem e da aprendizagem. *Jornal de Pediatria*, Porto Alegre, vol. 80, n. 2 (Supl.), 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v80n2s0/v80n2Sa11.pdf>> Acesso em: 06-05-2012.

SCARPA, Ester Mirian. Aquisição da linguagem. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.

SCHIRMER, Carolina R.; FONTOURA, Denise R; NUNES, Magda L. Distúrbios da aquisição da linguagem e da aprendizagem. *Jornal de Pediatria*, Porto Alegre, vol. 80, n. 2 (Supl.), 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v80n2s0/v80n2Sa11.pdf>> Acesso em: 06-

05-2012.

SILVA, José Manuel. *Pensamento e linguagem em Lev Vygotski e Jean Piaget*. Portugal: IPG, 2006. Disponível em:

<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-jose-manuel-pensamento-linguagem.pdf>> Acesso em: 05-05-2012.

VANOYE, Francis. *Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOSTKI, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.